

Na ASA

22 de janeiro, quinta-feira, às 19h30
70º Aniversário do início da
Segunda Guerra Mundial

Documentário
“A BATALHA DE BERLIM”

A ofensiva do Exército Vermelho que
culminou com a tomada de Berlim
e o fim da guerra na Europa

Entrada franca

Lorando Labbe



*O Coral da
ASA mostrou
o seu valor
no Festival
Cantapueblo,
na Sala Cecília
Meireles*

Página 12

Afinal, Pio 12 é santo ou não é?

Artigos de
Luitgarde Oliveira
Cavalcanti Barros
e Anshel Pfeffer
(Haaretz)

Páginas 3 e 4

E MAIS...

2 EDITORIAL
No novo ano

5 MEMÓRIAS (FINAL)
BERTHA V.FEFERMAN
Kinderland



6 BRASIL
O país dos emigrantes
RENATO MAYER

8 SCHOLEM 80 ANOS
Para sempre Scholem
ESTHER KUPERMAN

10 A FOTO, A HISTÓRIA
Coalhada, *smetane*, ricota
HENRIQUE VELTMAN

CARTAS
.COM
Ano novo, vida nova
FANY SECHTER RUAH

NOTAS



No novo ano

“**A** ASA tem se firmado como centro cultural. Sob formas variadas, oferece aos associados e ao público em geral uma programação que vai de temas judaicos às questões que inquietam e mobilizam a sociedade maior. Não descuidamos das manifestações artísticas, entre as quais se destacam nosso coral e a dança israeli.

Em 2009, completaremos 45 anos de existência. Também em 2009, o Boletim **ASA** chega aos 20 anos de publicação ininterrupta. Reconhecido como um dos mais qualificados veículos de matérias opinativas da comunidade judaica, o Boletim mantém o mesmo vigor desde que surgiu, informando, dialogando, questionando. Estes dois marcos serão devidamente comemorados com intensas atividades.

Duas outras datas importantes terão destaque em nossa programação. Em março, lembraremos o 45º aniversário do golpe militar de 31 de março de 1964. A ditadura que se seguiu por 21 anos foi um dos períodos mais negros da História brasileira. Em setembro, avaliaremos as heranças da Segunda Guerra Mundial, cujo início estará completando 70 anos. Ao longo de 2009, exibiremos filmes sobre guerra e nazismo.

No trabalho político, continuaremos articulando atividades com o COMDEDINE – Conselho Municipal de Defesa dos Direitos do Negro, na perspectiva de integrar lutas comuns contra a discriminação e aproximar culturas. Na comunidade judaica, queremos continuar acompanhando os trabalhos da FIERJ dentro do Conselho Deliberativo e construindo alianças institucionais onde houver convergência de objetivos.

Nada disso será possível sem a participação ativa do público. Por isso, você, que nos acompanha pelo Boletim e/ou comparecendo aos eventos da **ASA**, está convidado a marcar presença. Com ou sem crise financeira global, nossa bandeira continuará tremulando.



A diretoria da **ASA** deseja a todos um feliz Hanuká, a Festa das Luzes. Andamos todos muito precisados do espírito rebelde dos macabeus. Também desejamos um 2009 com mais diálogo, harmonia, respeito às diferenças e justiça.

Associação Scholem Aleichem de Cultura e Recreação

Rua São Clemente, 155 - Botafogo
Rio de Janeiro - RJ – CEP 22.260-001
Tel:(21)2535-1808 Telefax:(21)2539-7740
Home page: www.asa.org.br e-mail: asa@asa.org.br

Presidente Mauro Band
Vice-presidentes Horácio Itkis Schechter e Gitel Bucaresky
Secretárias Tania Mittelman e Rosa Goldfarb
Tesoureiros Moisés Ghersgorn e Fany Haus Martins
Diretor de Comunicação/Divulgação Jacques Gruman
Diretora Cultural Clara Goldfarb
Diretor de Memória Marcos David Somberg



ASA JUDAÍSMO E PROGRESSISMO é o órgão informativo e de divulgação cultural bimestral da Associação Scholem Aleichem de Cultura e Recreação.

Home page: www.asa.org.br
e-mail: asa@asa.org.br

Editora e Jornalista Responsável

Sara Markus Gruman - (Reg. Prof. nº 12.713)

Colaboradores do Boletim: David Somberg, Esther Kuperman, Fany Sechter Ruah, Heliete Vaitsman, Henrique Veltman, Jacques Gruman, Renato Mayer e Tania Mittelman

Programação Visual: Hama Editora

Impressão: Grafitto

Tiragem: 2.200 exemplares

As matérias assinadas são de responsabilidade exclusiva de seus autores e não representam necessariamente os pontos de vista da Diretoria da ASA. É permitida a reprodução total ou parcial dos artigos desde que citada a fonte.

NA ASA

Coreógrafo Rafael Barreto de Castro

Regente Claudia Alvarenga



Estes dançam



Estes cantam

E você? Vai ficar só apreciando?

CORAL DA ASA - Ensaios toda quarta, às 20h

DANÇA ISRAELI - Toda terça, às 18h30

AULAS DE ÍDISH - Toda segunda, das 19 às 20 horas,
com Moisés Garfinkel

CÍRCULO DE LEITURA EM PORTUGUÊS -
Quinzenalmente, terças, às 15h30

Estacionamento no local (pago) Saída S. Clemente da Estação Botafogo (sentido Humaitá)

O eco dos comentários

Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros / Especial para ASA

Não sabia da notícia de que o papa Bento 16 havia manifestado a intenção de transportar o homem Eugenio Pacelli para o território ocupado pelos santos, e uns colegas já me pediam comentário sobre o desejo papal de alçar um seu antecessor à corte celestial dos preferidos de Deus. Minha primeira observação é sobre a inquestionável competência, única reconhecida pela teologia, monopolisticamente atribuída ao Sumo Pontífice da Igreja Católica, de reconhecer e declarar a sobrenaturalidade de fenômenos e, conseqüentemente, a santidade dos humanos portadores, objetos ou sujeitos de tais manifestações.

Vozes se levantam lembrando as recorrentes denúncias-queixas sobre a alegada indiferença daquele Santo Padre diante do extermínio de judeus na Europa nazi-fascista na Segunda Guerra Mundial, sob seu pontificado. Neste coro só faltam vozes de sérvios – novamente dizimados, com a participação da ONU no esfacelamento da Iugoslávia –, de ciganos, russos, poloneses, tchecos, eslovacos e húngaros, etnias e povos também massacrados pela irracionalidade da lógica belicista, que privilegiou e privilegia os investimentos em tecnologias da morte. Não só Pio 12 assistiu “impávido colosso” ao início da marcha nazista do mal sobre a humanidade. Em nome da pax entre as nações e dos interesses econômicos de empresários, grandes comerciantes e banqueiros, os governantes do mundo, em algum momento pactuaram, como hoje, com o extermínio lucrativo de povos. Afinal, foi no estabelecimento da modernidade, no nascedouro das idéias que consubstanciaram o iluminismo e a civilização ocidental, que se praticou, durante quatro séculos, o maior genocídio da história, o tráfico negreiro, de cujos lucros viveram muitos luminares do racionalismo e da civilização humanista judaico-cristã. Nas inquisições calvinistas e católicas, nas revoluções camponesas esmagadas pelos luteranos, nas guerras religiosas da

Europa, nos pogroms e nas estratégias de “guerra preventiva para a eliminação do terror”, os germens do mal – expressão utilizada por George Steiner – contidos na cultura ocidental se saciaram e saciam bestialmente no sangue dos filhos de Deus. Afinal, como indaga o catolicismo popular: “Ele não fez a nós todos?”

Como discutir a elaboração dos critérios e a delegação, a quem os elabora, de escolha dos filhos preferidos ou renegados por Deus? As questões teológicas e éticas de frei Bartolomé de Las Casas sobre o extermínio das populações indígenas das Américas em nome da catequese ecoam sem resposta pelos séculos, reverberando a

Os critérios não passam pelo escrutínio das baixas camadas.

eternidade do ovo da serpente, de onde os germens do mal brotam recorrentemente, acalentados na chocadeira em que vivemos, matando milhões de seres humanos e as utopias, em nome de Deus.

Os critérios de santificação da Igreja Católica não passam pelo escrutínio das baixas camadas de seus seguidores, pois resultam de mais de dois mil anos de sabedoria divina iluminando a alta hierarquia de teólogos e sacerdotes, completando-se o processo com o dogma da infalibilidade do papa em questões de religião, nas decisões sobre os caminhos da Igreja. A tristeza sentida na adolescência, ao ler que Pio 12 autorizara apoteótica missa de réquiem pela mãe do sanguinário carrasco alemão Himmler, na Catedral de Colônia, só a perdi quando, já adulta, acompanhei o terror vivido pelo mundo no confronto entre o presidente dos Estados Unidos John Kennedy e Khrushchev, secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética, no cerco norte-americano e defesa soviética de Cuba, com as ameaças de nova hecatombe, em nome do mundo

Reprodução



livre e democrático. Naquele episódio, quando o anti-comunismo da Guerra Fria dependia da tomada de posição do papa responsabilizando o monstro comunista pela eclosão de uma nova guerra, o Santo Padre João 23, por inspiração divina, desnudou a farsa norte-americana da santidade da guerra anti-comunista, afirmando que amaldiçoaria com a responsabilização pelo eclodir da guerra aquele que disparasse o primeiro tiro. Então, para todos os povos de Deus, ele foi santo!

O cearense monsenhor Azarias Sobreira, relatando as dores espirituais de sua vida de sacerdote católico, falava de sua grande felicidade de viver o pontificado de João 23, para ele o único grande reformador da Igreja escolhido por Deus na hierarquia sacerdotal.

Quem explicaria a escolha de Deus, transmitida por inspiração ao papa Bento 16, entre aquele que evitou uma guerra, talvez atômica, e seu outro pastor que, sem condenar o lobo devorador de tantas de suas ovelhas, permitiu que se realizasse pomposamente o santo sacrifício da missa numa celebração que, aos olhos dos que aguardavam o extermínio nos campos guardados pelas matilhas sanguinárias de Himmler, pareceria aprovação de seu holocausto ou indiferença pelo seu destino?

Respondem os beatos: o homem é muito imperfeito para entender os desígnios de Deus! ■

Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros é antropóloga e professora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ.

O Vaticano que decida

Anshel Pfeffer, Haaretz

Deveria o papa Pio 12 ser santificado? A resposta simples é: isto não é da sua conta.

A resposta teologicamente mais precisa é que não importa o que você, eu ou quem quer que seja pense a respeito – nem mesmo o papa atual. Pelas regras da Igreja Católica, ou Pio 12 já é ou não é e jamais poderá sê-lo. Resta às forças que estão no Vaticano reconhecê-lo como o santo que ele pode ou não ser.

Esclarecido isto, voltemos à controvérsia que parece ter surgido entre o povo judeu e a Santa Sé. Só que, de novo, tampouco ela é muito exata. Há várias discussões nessa esfera. Uma é entre historiadores, a respeito de fatos e suas interpretações. Não surpreende que haja judeus em ambos os lados. Outra se dá entre católicos, sobre questões de fé e política religiosa. Há também uma terceira, entre elementos do Vaticano e algumas organizações judaicas, porém é mais uma questão de estilo do que de conteúdo.

Quanto ao debate histórico, há pouco que um amador possa acrescentar. Após ler dois livros, entrevistar alguns peritos e ler incontáveis jornais, não cheguei nem perto de uma conclusão sobre por que Pio 12 manteve silêncio durante o Holocausto. Foi porque ele não se incomodava muito com o extermínio dos judeus e secretamente rezava pela vitória nazista? Ou esse silêncio era uma forma de encobrir os corajosos esforços de resgate feitos com o seu incentivo?

Nenhum dos lados conseguiu produzir evidências suficientes para me convencer. E duvido que venham a conseguir, já que a única fonte importante de documentos que subsiste são os arquivos do Vaticano. E mesmo quando forem abertos, pode-se estar quase certo de que nada lá haverá que faça alguém mudar de opinião. Se existia um documento mostrando claramente

o envolvimento de Pio 12 em defesa dos judeus, o Vaticano o teria exibido amplamente. E se havia qualquer fumaça de que ele tenha sido colaboracionista, sem dúvida já foi descartada há muito tempo.

O debate católico interno é especialmente interessante, tanto porque contextualiza o tema Pio 12 quanto porque reflete caprichosamente questões similares dentro do establishment religioso judaico.

A atuação de Pio 12 na Segunda Guerra Mundial não é a consideração principal quando o Vaticano trata da canonização. Aqueles que o reverenciam o fazem por sua imagem de principal católico conser-

**Não surpreende que
haja judeus em ambos
os lados.**

vador do século passado. A adoração a ele é um princípio central para os que crêem na versão mais extremada da infalibilidade do papa.

Se Pio 12 ainda não foi reconhecido como santo, para muitos católicos significa que permanece um ponto de interrogação quanto ao papel histórico desempenhado por Roma antes, durante e após a guerra.

É uma controvérsia que dura séculos. A promulgação da infalibilidade do papa pelo Primeiro Concílio Vaticano, em 1870, levou o lorde Acton a escrever a sua famosa máxima: O poder tende a corromper, e o poder absoluto corrompe absolutamente; grandes homens são quase sempre maus. Desde então, os papas nunca recuaram do princípio da infalibilidade. Via de regra, utilizaram-no com prudência. A notável exceção ocorreu em 1950, quando Pio 12 decidiu que a “assunção” de Maria é um artigo de fé da Igreja Católica.

Como em Acton, a infalibilidade ainda causa desconforto em muitos católicos, e para os conservadores linha-dura a canonização de Pio 12 é imperiosa para confirmar a ascendência deles dentro da Igreja.

O papa Bento 16 é visto muito justamente como conservador, mas é também um político hábil e procura caminhar cuidadosamente entre as facções. Ele enfureceu os linhas-duras por não levar adiante a beatificação de Pio 12, passo crucial para a canonização.

O judaísmo como religião, de um modo geral, desenvolveu o sentido do dogma menos do que a Igreja Católica, mas muitos judeus simpatizarão com os católicos que lutam para preservar a sua fé na infalibilidade do papa.

Tudo isto leva à mais recente rodada de amargas acusações entre elementos do Vaticano e representantes judeus a respeito da referência a Pio 12 no Museu Yad Vashem, bem como do suposto cancelamento da visita de Bento 16 a Israel e das ameaças sobre o futuro do diálogo judeu-católico, se Pio 12 for de fato canonizado.

O Yad Vashem não deveria deixar-se intimidar e mudar aquilo que os seus especialistas acreditam ser os fatos históricos – e o futuro das relações Israel-Vaticano não pode ser refém disso. As ameaças feitas por líderes judeus sobre os danos que serão causados pela canonização são igualmente despropositadas.

As questões diplomáticas e inter-religiosas entre Israel, organizações judaicas e o Vaticano, além do debate histórico acerca do que o papa fez durante o Holocausto, não deveriam ser vinculados ao tema da santificação de Eugenio Pacelli.

Este assunto faz parte do jogo de poder político do Vaticano, e os judeus realmente não têm nada a ver com isso. ■

Tradução de S.M.G

MINHA VIDA DESDE MENINA Final

Kinderland

Ficava assim ociosa uma legião de voluntárias e trabalhadoras sociais muito práticas. Seguindo várias sugestões e exemplos, decidiu-se fundar uma colônia de férias para crianças e adolescentes em todos os lugares do Brasil onde houvesse número regular de judeus. Esta atividade renovou a energia das nossas colaboradoras. Após duas experiências em hotéis, ficou patente a inadequação desse meio, o que levou à necessidade da aquisição de local próprio.

Com a adesão de grupos progressistas de São Paulo, Paraná e vários outros, foi possível, com muito trabalho, a compra de uma sede própria em Sacra Família do Tinguá (Estado do Rio). Destinado às férias de família de recursos, o imóvel necessitava de reformas para a finalidade da AFIB. Puseram-se novamente em campo as nossas numerosas ativistas e conseguimos também o apoio de amigas profissionais para a realização das obras necessárias: dormitórios separados, cozinha adequada, salão de refeições, depois piscina, etc., possibilitando um primeiro grupo de verão logo após a compra, em 1952.

Cabia-me o trabalho de divulgação, apresentações em reuniões de pais e outras tarefas em que se tornasse necessária fluência em português para a boa comunicação.

Ao mesmo tempo da fundação da colônia sob o nome de Kinderland (País das Crianças), foi iniciado um trabalho de leituras, debates e esclarecimentos destinado à conscientização das ativistas. As reuniões eram semanais, no Rio de Janeiro, São Paulo e outras cidades importantes. No Rio, reuniam-se também, mensalmente, representantes de cada grupo para ouvir palestras de mulheres, principalmente as recém-imigradas, com sua cultura européia, e também de personalidades convidadas, como a deputada Heloneida Studart, a professora Moema Toscano e a arqueóloga Fernanda Camargo, que vol-



Álbum de família

16/9/2004 – Dona Bertha discursa na comemoração de seus 100 anos

tara de Israel com slides de importantes pesquisas feitas lá. Também alguns amigos nos trouxeram importantes informações sobre acontecimentos de relevo, como, por exemplo, a ida do homem à lua.

Os colonistas recebiam conhecimentos em debates e leituras sobre os acontecimentos mundiais, tornando assim as férias, além de recreativas, culturais. Com o passar do tempo, a Kinderland obteve o apoio de jovens profissionais – inclusive na área de cultura –, que se tornaram monitores dos colonistas, coordenadores, dirigentes. A Kinderland é pioneira nesse trabalho no Brasil, e entre seus colaboradores podemos citar: Noemi e Carlos Acserald, Lea Sheiman, o casal Max Gruzman, Sarinha e Henrique Morelembaum (este, além de notável maestro, é grande pedagogo). São também dignos de menção, entre vários outros, o casal Muni e Fany Sirota – que chegava a passar semanas na sede para orientação e

fiscalização das obras –, Odilon Niskier e, nos projetos arquitetônicos, Nathan Feferman. A administração recebia a importante colaboração do doutor Luiz Goldberg e de sua esposa, Hilda. Por ser brasileira, Hilda facilitou a legalização da Associação. Ela foi presidente da AFIB por uma temporada, seguida de Martha Kaplan, outra lutadora, e de seu filho Alexandre.

Ex-colonistas fundaram os chamados Clubinhos, dirigidos como as colônias, após as férias, com Jornal Mural e outras atividades. Graças à influência do maestro Morelembaum, nasceram a Orquestra Pró-Música e um Coral de ex-colonistas, que fizeram exposições locais, além de intercâmbios com grupos idênticos de outras regiões do país. Com o talento da inesquecível Doba, ajudei em algumas traduções da imprensa mundial, mesmo do ídich, que conheço pouco. Doba explicava o sentido das leituras e depois dizia “Agora você bota no seu bom português”.

A Kinderland funcionou ininterruptamente para as férias com a aceitação cada vez mais ampla da comunidade. Ao completar 50 anos, os jovens dirigentes publicaram interessante revista ilustrada. Também a Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, por iniciativa do então deputado Carlos Minc, ex-colonista, festejou o cinquentenário da Kinderland, com sessão especial e entrega de placa homenageando o grupo feminino na minha pessoa, a mais idosa das fundadoras vivas. Compareceram a essa cerimônia, além de membros da ASA e de representantes das diretorias, o então presidente da Federação Israelita do Estado do Rio de Janeiro, Osias Wurman, e outras personalidades. Usei da palavra, no ato, para esclarecer que a homenagem deveria se estender a todo o grupo de ativistas. ■

Bertha V. Feferman faleceu no Rio, em 22 de junho de 2007, aos 102 anos de idade.

O país dos emigrantes

Renato Mayer / Especial para ASA

“E verás que um filho teu não foge à luta...” (Hino Nacional Brasileiro)

A narrativa judaica que se construiu sobre o Brasil é a de um imaginário de uma terra de acolhida, um país que, mesmo sob governos autoritários – da República Velha ao Estado Novo –, desconhecia o anti-semitismo e as perseguições étnicas e favorecia o progresso pessoal em meio a uma atmosfera de paz e de oportunidades. Por três gerações ouvimos falar que “aqui não tem pogrom”, dos *shifbrider*, de fazer a América, de cartas de chamada, ou que “em quinze dias tivemos que deixar tudo para trás”, frases e expressões, entre muitas, que ficaram emolduradas na memória de cada lar judaico aqui instalado ao longo do que foi o terrível século 20. Pois esta terra generosa, o país do futuro, nas palavras do escritor austríaco judeu Stefan Zweig, mudou.

Faz algumas semanas que assisti a uma exposição do senhor Carlos Lozano, dirigente do Partido Comunista Colombiano, que falava de como a oligarquia de seu país se opusera ferozmente, ao longo dos últimos 60 anos, a qualquer reforma agrária e distribuição de terras. E de como isso se refletia na luta política e militar que lá não cessa, agravada pela aniquilação sistemática da oposição, reunida na chamada União Patriótica, um partido de esquerda que perdeu 5 mil de suas lideranças assassinadas desde 1985, inclusive no atual governo. Vista sob essa perspectiva, a autodefesa do povo adquiriu inevitável caráter armado, sem que esteja à vista solução próxima para o conflito.

A Colômbia, por tais motivos, passou, como o Equador, o Peru e o Uruguai, a exportar sua gente, para a Espanha, Estados Unidos e outros tantos países. Essa é uma história sabida. O que surpreende é que o Brasil, desde os anos 1980, o tempo da “década perdida”, tenha-se também alinhado a eles como terra de emigrantes.

Não é nada que se compare à *aliá* dos 10 mil brasileiros que, por razões religiosas e ideológicas, optaram por viver em Israel desde a Independência, em 1948. É um fluxo acumulado muitíssimo maior que, por fantásticas discrepâncias estatísticas – talvez a metade delas esteja em situação irregular –, ficou estimado, em 2007, entre 2 milhões e 3 milhões e 135 mil pessoas. Calcula-se que, na década de 1980, o saldo migratório líquido do Brasil foi negativo, de 1 milhão e 800 mil pessoas. Na seguinte, teria caído para 550 mil, um número ainda muito expressivo. Sua importância se traduz financeiramente nas remessas de recursos para casa, as quais teriam chega-

A crise econômica e social marcou profundamente corações e mentes dos brasileiros.

do, no ano retrasado, a 7 bilhões e 100 milhões de dólares. Até em cidades de porte grande como Governador Valadares (MG) e Criciúma (SC), beneficiárias de remessas dos Estados Unidos, e Maringá (PR), de divisas vindas do Japão, é relevante o seu impacto na economia local.

O que teria levado tantos filhos a deixar “a mãe gentil” de presumível generosidade e potencial prosperidade para todos? Trabalho e emprego, salários, oportunidades de melhora e até fuga da instabilidade. Terra também? Sim, Paraguai e Bolívia atraíram nos últimos 30 anos milhares de agricultores do sul do nosso país para seus departamentos ao longo da fronteira, numa verdadeira expansão da fronteira agrícola brasileira. Em particular, no Paraguai, que se constitui no segundo ou terceiro país (novamente, são falhas as estatísticas) que mais abriga

a diáspora brasileira, reproduz-se o perfil da estrutura agrária do Brasil (Vale lembrar que o Movimento dos Trabalhadores sem Terra foi criado precisamente na cidade de Cascavel, no Estado do Paraná, relativamente próxima à fronteira paraguaia, em 1984.) São mais de 300 mil “brasiguaios”, como são conhecidos, mas estima-se que os grandes lotes de terras estejam nas mãos de menos de 500.

A crise econômica e social marcou profundamente corações e mentes dos brasileiros. As possibilidades de melhora de vida, reais ou imaginárias, e o apoio financeiro a familiares são o que move as nossas migrações. O retorno pode ser temporário ou sempre adiado. Os Estados Unidos, com o seu mito de grandes oportunidades, sustentado pelo crescimento econômico dos anos 1990, tornaram-se, por isso, o maior pólo de atração dos emigrantes do Brasil. Cerca de 1 milhão e 250 mil brasileiros migraram para lá (com destaque para o Estado de Massachusetts), sendo responsáveis por 75% do total de remessas unilaterais anuais para o nosso país. As comunidades de brasileiros ali estão cada vez mais organizadas e criaram redes sociais de apoio, muito baseadas em relações de conterrâneos, que provêm trabalho, alojamento, assistência e adaptação. Nos Estados Unidos (como também na Europa) é extensa a lista de ocupações buscadas pelos brasileiros, situando-se a maioria delas, porém, em atividades de menor qualificação. Assim, é a existência daquelas redes que tem assegurado a permanência e o destino do contingente migratório, até em condições de ilegalidade – ou de indocumentação, para usar o jargão técnico –, mesmo quando a economia americana já não vai tão bem.

Em conjunto, Estados Unidos, Paraguai e Japão abrigam dois terços dos emigrantes brasileiros. Os brasileiros neste último país, os *dekasseguis* (literalmente, os que trabalham fora de casa – trabalhadores brasilei-

ros e seus dependentes no Japão são 329 mil, logo abaixo dos que vêm das duas Coréias e da China), possuem, no entanto, a singularidade de se beneficiarem da Lei de Controle da Imigração, aprovada em 1990, que permite a entrada e múltiplos retornos dos descendentes de japoneses até a quarta geração, assegurando-lhes visto de permanência ou de prazo longo. Dessa maneira, cerca de 83% dos brasileiros usufruem a ascendência étnica nipônica, com o restante se constituindo, em boa parte, de cônjuges. Outro aspecto que os distingue dos demais emigrantes é que sua chegada ao país é muito controlada e já vem negociada a partir do Brasil por meio de agências de recrutamento, responsáveis pela grande maioria dos primeiros empregos e locais de hospedagem.

Os *dekasseguis*, ao contrário de seus antepassados, originalmente agricultores, provêm da classe média urbana e contam com boa escolaridade. Ainda assim, seu destino mais comum é para fábricas, para trabalhos menos qualificados, sob o signo dos 5 Ks, que correspondem, em japonês, às iniciais de penoso, perigoso, sujo, sacrificado e desagradável. Com o crescimento da comunidade de brasileiros, o setor de serviços (escolas, comércio, locadoras de filmes, imprensa, etc.) expandiu-se consideravelmente e já emprega muitos de nossos emigrantes. Oizumi, na província de Gunma, e Hamamatsu, em Shizuoka, são até conhecidas hoje como *Brazilian towns*, tantas são as conexões e propriedades de brasileiros.

A ordem mundial, conforme ficou patente no recente fracasso da Rodada de Doha da Organização Mundial do Comércio em mudar políticas que pudes-

sem eventualmente favorecer os países em desenvolvimento, trabalha para que outras tantas mães-pátria da periferia se mostrem amargas, ao invés de gentis, e expulsem seus filhos. Na fase histórica de reconstrução de suas economias, antigas potências coloniais européias recebiam de bom grado estes migrantes, a mão-de-obra que vinha complementar suas necessidades na construção civil, nos serviços pesados, nos trabalhos domés-

A diáspora evoca tristeza e saudade. Nós o sabemos bem.

ticos, nas atividades de entretenimento. Essa fase passou e a Europa, alarmada com a multiplicação deles e com sua incapacidade de prover empregos para todos, acentuada ainda mais pela atual crise econômico-financeira, apela para legislações crescentemente restritivas da imigração e dos direitos desses migrantes. Aumenta o número de ilegais. Não é à toa que para os brasileiros naquele continente – mais de 900 mil, a começar por Portugal, Reino Unido, Espanha e Itália –, os números são apenas estimados por alto, já que grande parte dos nossos conterrâneos transita pelas chamadas franjas do sistema. A expectativa é de que, dado o baixíssimo crescimento demográfico e a redução da população em idade ativa (fenômeno já constatado na Alemanha, Hungria e Itália), a crescente demanda por trabalhadores ofereça renovadas

perspectivas aos migrantes. Mas este é um dado para o futuro.

Impressiona a dimensão da diáspora brasileira: os registros dão conta de que se estende por 97 países. A diáspora evoca tristeza e saudade, nostalgia de uma bonança que não se cumpriu no local de origem. Nós o sabemos bem. “Temos nós, no Oriente ou no Ocidente, um sítio para descansar nossas esperanças?”, recordava dramaticamente no século 12, aos judeus do *galut*, o poeta Judá Halevi, na Espanha da Idade de Ouro.

A questão já preocupa o Ministério das Relações Exteriores, o qual trabalha para ampliar a proteção jurídica aos migrantes, emprestar-lhes algum nível de legalidade e até cadastrá-los para assegurar sua participação eleitoral no país de origem. Outras preocupações se referem à evasão de cérebros, ou seja, de trabalhadores mais qualificados, embora a crise brasileira seja também uma crise de educação. O Ministério apóia iniciativas que se contraponham à perda da identidade cultural dos migrantes, fortalecendo os laços mais amplos que os prendem ao Brasil. São passos lentos, pois, como disseram dois estudiosos mineiros do problema, em seminário realizado no Rio, “admitir a importância da emigração no país seria o mesmo que reconhecer uma espécie de fracasso das autoridades no desenho de sua política de desenvolvimento” (Eduardo L.G. Rios Neto e Ernesto F. Amaral, “A gestão migratória e o paradoxo da grandeza”, 2008). É pedir muito de uma mãe. ■

Renato Mayer, economista, é colaborador do Boletim ASA.

MARTINS ASSOCIADOS -Advocacia Trabalhista e Societária

Rua Senador Dantas, 20 Gr. 1509 - Centro - Telefone: 2240-9808

Rosana Yentas - Psicoterapia / Orientação Profissional

Consultórios: Botafogo e Tijuca - Cel.: 9956-5466

Alberto Band - Advogado

Rua Álvaro Alvim, 48 / 405 - Centro - Telefone: 2220-2784

Anna e Heloisa Araujo Eventos
Cerimonial e Logística - Bufê próprio

Telefones: 2553-7013/2552-6929/8829-6929 - E-mail: heloisa.ams@oi.com.br

Dr. Sérgio Fiser - Cirurgia plástica, estética, Botox,
preenchimento de rugas, câncer de pele

Rua Siqueira Campos, 43 / 608 - Copacabana - Telefone: 2257-0359

Mauro Acelrad - Psiquiatria Clínica

Rua Joana Angélica, 217 - Ipanema
Telefones: 2522-1794/ 2523-3852 - E-mail: acsel@globo.com

Helena Kaplan - Psicoterapia e Psiquiatria

Consultório: Rua Barata Ribeiro, 383 / 405 - Copacabana - Telefone: 2255-7491

José Paulo Nebel - Psicólogo/ Psicanalista

Rua Benjamin Batista, 197/ 302 - Jardim Botânico - Telefone: 2286-5075

Para sempre Scholem!

Esther Kuperman / Especial para ASA

*May you grow up to be righteous,
May you grow up to be true,
May you always know the truth
And see the lights surrounding you.
May you always be courageous,
Stand upright and be strong,
May you stay forever young.*

TRECHO DE **FOREVER YOUNG**, DE **JOAN BAEZ**

Rafael Durão



Lérerque Etel na festa do Scholem

Na noite de primeiro de novembro passado, no salão da Hebraica, aquele poderia ter sido mais um encontro dos ex-alguma coisa, ou da Turma de 19..., bem ao estilo das festas americanas que promovem o reencontro dos alunos de alguma escola ou universidade. Mas não foi. Porque reunir gente que estudou no Colégio Israelita Brasileiro Scholem Aleichem não é fazer com que antigos colegas de turma se encontrem, mas juntar pessoas que fizeram parte de uma história e participaram de uma experiência pedagógica verdadeiramente transformadora. Esse era o Scholem, lugar onde aprendemos a olhar e sentir o mundo. Não era uma escola: era um modo de viver.

Ainda nos lembramos das aulas de Ídish, e de Ídishe Gueshihte (História Judaica). Nelas aprendíamos como falavam e o que tinham feito os judeus. Porque estando em um colégio laico, aprendíamos a ser judeus pela cultura e memória. Mas, mesmo falando das coisas da nossa aldeia, não vivíamos no gueto, éramos também cosmopolitas, e nosso ponto de vista não foi forjado apenas nas aulas das matérias judaicas. No Scholem fomos apresentados à ciência, à prosa, à poesia, e passamos a ser cidadãos do mundo.

Os professores sabiam que suas aulas faziam parte da construção dessa identidade. Cada matéria era vista como parte da obra.

Na verdade, era como se o Scholem fosse uma grande orquestra, que tocava afinada porque todos – professores, alunos, pais, funcionários – acreditavam na música. E ali também estava o regente: *lérer* Genes.

Estávamos quase todos lá. Voltamos para rever e dizer o quanto tudo que aprendemos com eles foi bom e importante e nos ajudou a traçar as linhas da vida. Estávamos quase todos lá, para festejar nossos professores e nosso diretor. Nós que nos reencontramos agora – engenheiros, professores, médicos, pesquisadores, comerciantes, pais, mães, artistas plásticos, psicanalistas, tradutores, etc. – estamos em todos os lugares, cada um no seu ofício, mas somos o que nos ensinaram no Scholem.

Conseguimos reunir todos os nossos mestres e nosso diretor para dizer que ainda sabemos o que nos transmitiram. Juntamos nossas lembranças para fazer uma homenagem a eles, a nós e a um outro tempo. Ao recuperar esta memória, trouxemos de volta o próprio Scholem. Resgatando idéias e valores, mostramos que a história não acabou e que o tempo do Scholem não ficou no passado, mas está na nossa vontade e no presente.

Shalom kinder!

Shalom lérerque Etel!

Esther Kuperman é professora e colaboradora de ASA.

“É indiscutível que a festa do SCHOLEM trouxe uma carga um tanto ou quanto concentrada de emoções, de alegrias incontidas e de adrenalina. Sob certo aspecto foi uma ‘tortura’ psicológica, um desafio para as nossas mentes, nossos olhos e nossos corações. Fomos subitamente levados ao passado, como num trem em alta velocidade, para a época dos grandes encontros, de questionamentos, das grandes descobertas e, certamente, de alta taxa hormonal!

Parece que fomos parte experimental da Teoria da Relatividade, de Einstein, onde o tempo se dilata e o espaço se contrai.”

RUBENS SZCZERBACKI

Álbum pessoal

“ Acho o mundo que a internet nos abriu verdadeiramente fascinante, pois juntar centenas de pessoas em uma comemoração que começou desprezível (quanto ao número de participantes, não quanto ao esforço dos organizadores!) e criar todo um “clima” anterior ao dia da festa, isso é muito facilitado pela comunicação virtual. Que se materializou em uma enxurrada de emoções! Quantos reencontros! Quantas histórias! E quanta gente ainda sabe de cor a frase que a *Lérerque* Etel nos fazia decorar (“*tsvichn Ásie un Áfrike ligt der Arábisher mídbar*”)!

O Scholem foi uma parte importante da minha vida e da minha formação. Pensar que quase ao final da 3ª série ginásial me mudei para Copacabana e continuei a ir todo dia, de ônibus, de manhã cedinho, para a Tijuca, até me “formar” no Ginásio (naquela época o Scholem ainda não tinha Científico nem Clássico) só me remete ao amor e aconchego que encontrava lá.

Foi um tempo muito feliz.”

ELIANE PSZCZOL (à época, *Felzenszwalbe*)



Álbum pessoal

“ A festa culminou com a homenagem ao diretor, que completara 89 anos de vida, a maior parte dela dedicada de todo o coração àquela escola, ginásio e colégio! Uma vida compartilhada com muita gente, com muita humildade e ao mesmo tempo responsabilidade e firmeza de propósitos! Esse foi o evento! Essa foi a festa que ecoou e até agora ecoa em nossas lembranças e corações abatidos pela felicidade de rever tanta gente importante para nossas vidas! Saudações, senhor Scholem Aleichem! Saudações,

professor Genes! Saudações, *Lérerque* Etel e demais professores presentes ao evento! Saudações, colegas e amigos – os que consegui encontrar e os que não! Saudações àqueles que já se foram, mas que certamente estavam lá presentes e sentindo as mesmas emoções que nós! Seu Silvério, botafoguense doente! Seu Pedro e dona Chiquinha! Dona Inadiá! Dona Etelvina, nossa inspetora de ônibus! Dona Mina! Professor Garson! Abel! Emir Amed! Dona Nilcéa, minha querida professora de Teatro! *Lérer* Berzon! *Lérerque* Basse! *Morá* Sarah! Dona Nadir!

Que esse momento se perpetue ao longo de nossas vidas!

Não nos afastemos! Vamos de mãos dadas!!!”

NATAN GUTERMAN



“ Somos todos moldados por nossas memórias, único patrimônio que nem o tempo apaga... ainda que o enevoe, o embaralhe um pouco. Nosso, único, a ser levado para nossos túmulos. Quando temos a felicidade de poder compartilhá-las, revenciá-las, celebrá-las com outros personagens de nossas histórias, temos então a prova incontestada de que nossa breve passagem pela vida deixou marcas, que não se extinguirão com cada um de nós.

Isso foi o que representou para mim esse momento único da festa do Scholem, no sábado. Obrigada a todos que estiveram lá, que fizeram esse encontro existir.

Desde a primeira idéia, até onde essa vida pode nos levar...”

ESTER JABLONSKI

Rafael Durão



Coalhada, *smetane*, ricota

Henrique Veltman / Especial para ASA

Na Rua Sotero dos Reis, bem ao lado da Estação Francisco Sá da Estrada de Ferro Rio d'Ouro, ficavam as instalações da CCPL, a cooperativa dos produtores de leite. E ali, especialmente nos finais de semana, eram colocados na calçada os latões de leite talhado. O povo da região podia servir-se à vontade desse leite, e era o que nós fazíamos, meu pai e eu, sempre aos domingos. A gente ia até lá de manhãzinha e enchia várias panelões com o leite talhado.

Depois, no quintal de nossa casa, seu Chico colocava o leite numa barrica de madeira e eu, todo pimpão, tratava de rodar a manivela com vigor e paciência, batendo sem parar. Ali, o milagre da transformação: o leite talhado virava ricota, coalhada e, também, *smetane*, o creme azedo que, mais tarde, iria marinar arenques, sardinhas e outros pescados e peçados.

Nesses milagrosos domingos, minha mãe já tinha preparado a sua massa caseira. E era essa massa, mais a ricota e uns cheiros verdes, que se traduziam num prato inesquecível, montado com amor e carinho por nossos pais.

Ao longo da vida já comi muito macarrão e me tornei súdito fiel da *smetane*. Mas nada comparável aos *locshn* de minha mãe e à ricota de meu pai.

É impressionante como certas ruas acabam marcando nossa memória. A Sotero dos Reis, ali em São Cristóvão, é

hoje cenário do que sobrou da zona de meretrício do Mangue, Vila Mimosa.

Na minha infância no Beco da Mãe, a rua era a generosa oferta de leite talhado que, milagrosamente, a gente transformava em coalhadas, ricotas, *smetanes*.

Adulto e recém-casado, a rua era onde se erguia a sede do jornal *Última Hora*, onde vivi alguns dos melhores momentos de minha carreira de jornalista, viajando todos os dias de Copacabana a São Cristóvão, a bordo dos velozes e perigosos lotações da linha Francisco Sá-Leblon.

Meu pai também freqüentava a Sotero dos Reis para cumprir sua *mitsvá*: a ida, de trem, ao cemitério de Vila Rosali.

Essa Estrada de Ferro Rio D'Ouro, a chamada Linha Auxiliar, eu soube depois, começou a ser construída em 1876, para o transporte dos tubos de ferro e demais materiais que completaram as obras de construção das redes de abastecimento d'água. O contrato, assinado e dirigido pelo Paulo de Frontin, obrigava ao fornecimento do líquido no prazo de seis dias à cidade do Rio de Janeiro.

Em 1883, em caráter provisório, começaram a circular os primeiros trens de passageiros que partiam em direção à represa Rio D'Ouro, da Estação Francisco Sá. A Baixada Fluminense seria mais tarde dividida em três sub-ramais: Ramal de São Pedro, hoje Jaceruba; ramal de Tinguá, que se iniciava em Cava (Estação José Bulhões); e o ramal de Xerém, partindo do Brejo, hoje Belford Roxo.

Os trens, de bitola estreita, atravessavam a cancela da Rua Francisco Eugênio (será que era esse o nome, onde ficava também a sinistra sede do SAM, Serviço de Assistência ao Menor?), passavam as ruas Bela e Benfica e seguiam, finalmente, em direção à Pavuna.

Várias vezes acompanhei meu pai em suas incursões pela Baixada Fluminense, afinal de contas ele era *clientéltchic* e a gente ia cobrar os fregueses, geralmente em Duque de Caxias e Belford Roxo.

Eu lembro que próximo a um trapiche do Comendador Tavares Guerra, uma estátua em ferro de mulher oferecia água aos passantes por uma cornucópia, a chamada Bica da Mulata. Na verdade, era uma estátua de mulher branca que, enferrujada, virou mulata. Depois do Rio Preto, a próxima estação era Vila Rosaly, nas terras então conhecidas pelo povão como Morro da Botica ou dos Barbados, uma clara referência aos nossos patrícios, especialmente os mais religiosos, que, claro, usavam longas barbas. ■

Henrique Veltman, carioca, 72 anos, casado, jornalista, sociólogo e torcedor do América, é colaborador do Boletim ASA.



Bervel
empreendimentos

Administração de condomínios
Locação de imóveis
Assessoria imobiliária

Centro: 2212-6100
Fax: 2212-6101
Barra: 3321-5871 / 3325-4241
Fax: 3325-1555
www.bervel.com.br • bervel@bervel.com.br

A RECEITA

Como lembrança daqueles tempos, vale uma receita do *smetane*. De vez em quando a gente encontra um similar do produto, especialmente em restaurantes de cozinha centro-européia. Não é a mesma coisa dos tempos da Sotero dos Reis. Mas vale como pró memória gustativa. Misture 200ml de creme de leite fresco com o suco de meio limão. Deixe descansar fora da geladeira por uma hora e depois coloque para gelar. Na hora de servir, bata até que tome consistência de chantili.

Prost! Lechaim! Sliinte! Salute! Vashe zdorovie! Salud! Gesondheid! Santé!

CARTAS

Avraham Burg

Muito boa a entrevista com o autor israelense Avraham Burg (**ASA** 115), entre muitas outras coisas, ex-ativista do Paz

Agora. É bacana conhecer judeus como ele, que consegue unir uma postura religiosa própria a uma visão de exercício da

democracia de forma inteligente e discricionária. Parabéns.

Eva Spitz, Rio de Janeiro, RJ

.COM

Ano novo, vida nova

Fany Sechter Ruah / Especial para **ASA**

Para os judeus, o Ano Novo não significa apenas uma mudança de datas. O Ano Novo judaico, o Rosh Hashaná, comemora a criação de Adão, o primeiro ser humano. Por isso é considerado um período do renascimento, de julgamento eterno, é como se todos estivéssemos nascendo de novo, ganhando uma nova vida. Há também explicações científicas e esotéricas sobre o Rosh Hashaná. Quais as semelhanças e diferenças em relação ao Ano Novo comum? As respostas, como sempre, estão em vários sites na internet...

Para começar, veja uma explicação mais convencional e rápida na página <http://www.ou.org/chagim/roshhashannah/meaning.html>. Mas no site **A ORIGEM NÃO JUDAICA DE Rosh Hashaná**, há o significado astrológico da data. Está em um artigo em espanhol, em PDF <http://www.koshertorah.com/PDF/RoshHaShanah-spanish.pdf>, do site Koshertorá. Parece estranho um site judaico abordar estes assuntos esotéricos? Então visite a home page www.koshertorah.com e vai se surpreender ainda mais com os links.

Se o Ano Novo judaico é um período de julgamento, renascimento e revisão do futuro, você precisa saber como mudar seu “karma” em 3 lições. Visite http://www.rainofblessings.org/messages_archive/Rosh_HaShanah.html - em inglês. Uma discussão sobre o dia certo de Rosh Hashaná, e o que fazer para mudar suas chances e seu karma para o ano seguinte.

Por quê? Por quê? Por quê?... Então, você sabe por que o Ano Novo judaico não é comemorado em janeiro? E se não houver um shofar, serve um trompete? As respostas estão aqui neste pequeno artigo que é parte de um livro. <http://roshhashanah.torah.org/learning/yomtov/roshhashanah/survival2.html> - em inglês.

Na página do site do Beit Lubavitch chamada “Primeiro de Tishrei: aniversário do mundo” http://www.chabad.org.br/datas/rosh/menu_index.html, você vai encontrar em português algumas explicações surpreendentes que

mencionam os signos do zodíaco, a lua nova que não é abençoada no shabat.

Romã é fruto de clima frio. Mas, e a romã de 2009, já comeu? Encontre explicações deste costume de origem judaica em <http://kosherfood.about.com/od/roshhashana/a/pomegranate.htm>, em inglês, e uma rápida em http://www.chabad.org.br/datas/rosh/menu_index.html, em português.

Também jogamos oferendas no mar? Quase. Mas temos o Tashlich. Em <http://www.jhom.com/calendar/tishrei/tashlikh.html>, há a explicação do costume e sua origem. Em http://www.aish.com/hhRosh/hhRoshDefault/All_About_Tashlich.asp, explicam como e onde realizar. Qualquer semelhança com as oferendas na praia pode não ser mera coincidência.

*Fany Sechter Ruah, arquiteta, radialista, profissional de Marketing e webmaster do portal judaico FanyZINE – www.fanyzine.com, é colaboradora do Boletim **ASA**.*

NOTAS

Confraternização

Como faz tradicionalmente, a **ASA** fechou suas atividades anuais com uma confraternização. Apresentaram-se os corais da **ASA** e **Avareté**. Num breve balanço, o presidente, **Mauro Band**, lembrou

o que fizemos durante o ano que se encerra. Em seguida, foi servido um lanche e o papo rolou solto. Recarregamos as baterias para o próximo ano, que marcará o 45º aniversário da nossa entidade.



Fotos Sara Markus Gruman



Coro Avareté, regido por Joaquim Assis

O público lotou o salão da **ASA**

Inesquecível

O mês de novembro será inesquecível para o **Coral da ASA**. No dia 5, como parte do festival **Cantapueblo Brasil 2008**, ele se apresentou na **Sala Cecília Meireles**, um dos melhores espaços para concerto em nossa cidade. Sob a regência de Cláudia Alvarenga e com a preparação corporal do coreógrafo e bailarino Mario Cunha, a apresentação foi muito bem recebida pelo público. No dia 30, fomos à Hebraica participar, ao lado de seis outros grupos, do **3º Encontro de Corais Judaicos Shir Hashirim**.



Aproximando

Em outubro de 2006, a **ASA** enviou delegados ao **Encuentro de Instituciones Judeo-Progressistas**, realizado em Montevidéu com a participação de ativistas do Brasil, Uruguai e Argentina. Entre as deliberações finais, as entidades presentes assumiram o compromisso de se aproximar dos segmentos oprimidos de seus países e lutar contra todas as formas de discriminação. Perseguindo esse objetivo, de resto sempre vivo ao longo de toda a nossa trajetória, a **ASA** tem buscado espaços de atuação comum com

o **COMDEDINE – Conselho Municipal de Defesa dos Direitos do Negro**. Nossos diretores, na qualidade de observadores, participam das plenárias da entidade e estão montando um calendário conjunto de atividades para 2009. Entre elas, destaca-se um seminário para troca de informações político-culturais sobre as comunidades judaica e negra. Também estamos construindo um mecanismo ágil para reagir, coletivamente, a casos de preconceito racial, anti-semitismo e quaisquer outras formas de discriminação.

Jacques Gruman



Outubro de 2008: reunião plenária do COMDEDINE

Presente

Em novembro, a **ASA** esteve representada oficialmente nos seguintes eventos:

DIA 12: Posse da nova Diretoria Executiva e do Conselho Deliberativo da **FIERJ**, no templo Sidon.

DIA 20: Inauguração da estátua do marinheiro João Cândido, na Praça Quinze, como parte da **Semana da Consciência Negra**.

DIA 25: Festa comemorativa dos 60 anos do **Habonim Dror**, no Canecão.

DIA 27: Entrega do prêmio Mocracy Scliar 2008, no auditório da **Escola Eliezer-Max**.

Poesia

No dia 22 de novembro, o grupo **Poesia Simplesmente** mostrou uma coletânea do poeta português **Fernando Pessoa**, no auditório da **ASA**. Depois do espetáculo, pessoas que estavam na platéia subiram ao palco para interpretar seus poemas prediletos. Um grupo de crianças e jovens da **Rocinha** mostrou danças e poesias.

ORIENTAÇÃO PARA A ECT

Endereço para devolução deste impresso: R. São Clemente, 155, fundos - Botafogo - Rio de Janeiro - RJ - CEP: 22260-001